



RECURSOS DIDÁTICOS E ENSINO DE GEOGRAFIA:

reflexões acerca das tecnologias da representação do espaço

Clayton Luiz da Silva

Caros alunos

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa *Adobe Reader 11*.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto a barra superior ou inferior pode lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse pdf, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!



ÍNDICE



APRESENTAÇÃO

O presente *e-book* tem por base um artigo apresentado em evento de Geografia da Universidade Estadual de Londrina, em 2015, e constitui-se numa produção que busca analisar a necessidade de serem utilizados, para o ensino, diferentes suportes/recursos pedagógicos a fim de oferecer aos estudantes de licenciatura e professores da rede caminhos metodológicos que valorizem o uso de materiais visuais e audiovisuais. Na forma de *e-book*, traz *links* que apontam para materiais de acervos acessíveis na internet. De modo geral, trata-se de um convite para a necessidade de experimentar o uso de tecnologias para a representação espacial, discutindo mais a fundo os audiovisuais.



RESUMO

Aborda-se aqui a importância da produção e uso de recursos didáticos, em especial o uso de audiovisuais, para o ensino. As reflexões apresentadas partem de práticas de ensino realizadas com estudantes de Geografia, cujo objetivo central era problematizar as possibilidades de criação e uso de recursos didáticos para o ensino. Metodologicamente, os discentes foram convidados a experimentarem o processo de criação dos materiais didáticos a partir de temas por eles escolhidos, que deveriam ser tratados a partir dos conhecimentos prévios oriundos de seu cotidiano. Tal exercício de criatividade parece fundamental, pois permite uma maior aproximação dos estudantes com a teoria a partir de uma reflexão sobre o mundo e seu lugar nele.

Palavras-chave: Representação do espaço. Ensino. Audiovisuais.


INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo central discutir a importância da elaboração e uso de recursos didáticos para o ensino de Geografia, tendo como principal problemática a produção e o uso das tecnologias para a representação espacial. Busca-se fazer uma reflexão sobre os diversos suportes que podem ser acionados para o ensino/aprendizagem, entre eles a música, a poesia, a **fotografia**, as imagens (charges, tirinhas, caricaturas), audiovisuais. São muitos os meios que permitem a transmissão de mensagens que podem auxiliar os estudantes a melhor conhecer sobre si e o que os rodeia, ampliando também sua capacidade de expressar sua visão de mundo. Entendendo que tais suportes são um meio de transmissão ou de produção de saberes, busca-se aqui relatar experiências realizadas no contexto da formação de professores licenciados no Departamento de Geografia da Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná), fundamentalmente na disciplina de **Tecnologias da Representação Espacial/Metodologias para o Ensino de Geografia**, bem como na disciplina de Estágio de Docência, tanto para o Ensino Fundamental quanto para o Médio. Nessas oportunidades, nossos discentes foram convidados a pesquisarem e produzirem recursos didáticos, utilizando os diversos suportes já apontados. A seguir, serão apresentadas algumas das questões teóricas e metodológicas que permearam as aulas e as práticas realizadas.

DESENVOLVIMENTO

As formas como a Geografia é ensinada mudaram ao longo do transcorrer histórico. No contexto do desenvolvimento do mundo ocidental, desde os primeiros relatos de viajantes até o uso dos atuais sistemas geográficos de informação, essa disciplina tem-se valido de variadas formas de representação daquilo que alguém viu em algum lugar, cujos relatos transcritos e representados (mapas, croquis, etc.) serviram de referência para novas interpretações nos momentos seguintes. Em período mais recente, as profundas transformações ocorridas no século XIX no contexto europeu e nas parcelas do globo articuladas ao sistema-mundo, segundo noção cunhada pelo historiador francês Fernand Braudel (1992), devem em muito às inovações trazidas pela “ciência moderna”, cuja profunda imersão no universo da produção resultou na tecnociência, abrindo possibilidades novas ao desenvolvimento da história humana (KLEIN & RICHTA, 1969).


A passagem do século XIX para o século seguinte foi um período em que as transformações científicas ocorridas nas mais variadas disciplinas sociais e da natureza foram aderidas ao território, conformando em significativas parcelas do globo terrestre (fundamentalmente da Velha Europa, a América do Norte, e depois,



gradativamente, parcelas do mundo subdesenvolvidos) um meio técnico em que a ciência passou a ter um papel fundamental, ao qual, já nas décadas seguintes da Segunda Guerra Mundial, se sucederá a construção do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1996).

Paralelo a isso ocorreu o desenvolvimento de variadas técnicas ligadas à captura e registro de imagens, baseadas no princípio da câmera escura, culminando nas tecnologias da fotografia e do cinema, e sons, com a fita magnética e o disco de vinil, que difundidos em variados suportes (livro, rádio, televisão, entre outros) permitiu a formação daquilo que se convencionou chamar de meios de comunicação de massa. A utilização dessas tecnologias para representar aquilo que ocorria nos lugares é facilmente percebida no emprego da fotografia e do negativo, por exemplo, para registrar as várias guerras ocorridas ao longo do século XX, mas também para a construção de um imaginário social, representado, por exemplo, na indústria do entretenimento (cinema, música, etc.).

Mais recentemente, a informação assume um caráter fundamental na realização daquilo que ocorre em diferentes lugares, resultado da convergência das técnicas (SANTOS, 1996, p. 146), de modo que distintas tecnologias passam a dialogar, permitindo a produção de materiais audiovisuais sem grandes custos para isso.



O uso da linguagem informática e dos computadores trouxe novos horizontes de possibilidades de produção e circulação da informação, dando suporte ainda ao que se convencionou chamar de tecnologias da informação e comunicação (TIC's). Se até quase o final do século XX a produção, por exemplo, de um videodocumentário implicava grandes custos e o domínio de complexas tecnologias, hoje há a possibilidade de se produzir informação por pequenos grupos, a partir do dispêndio de poucos recursos.

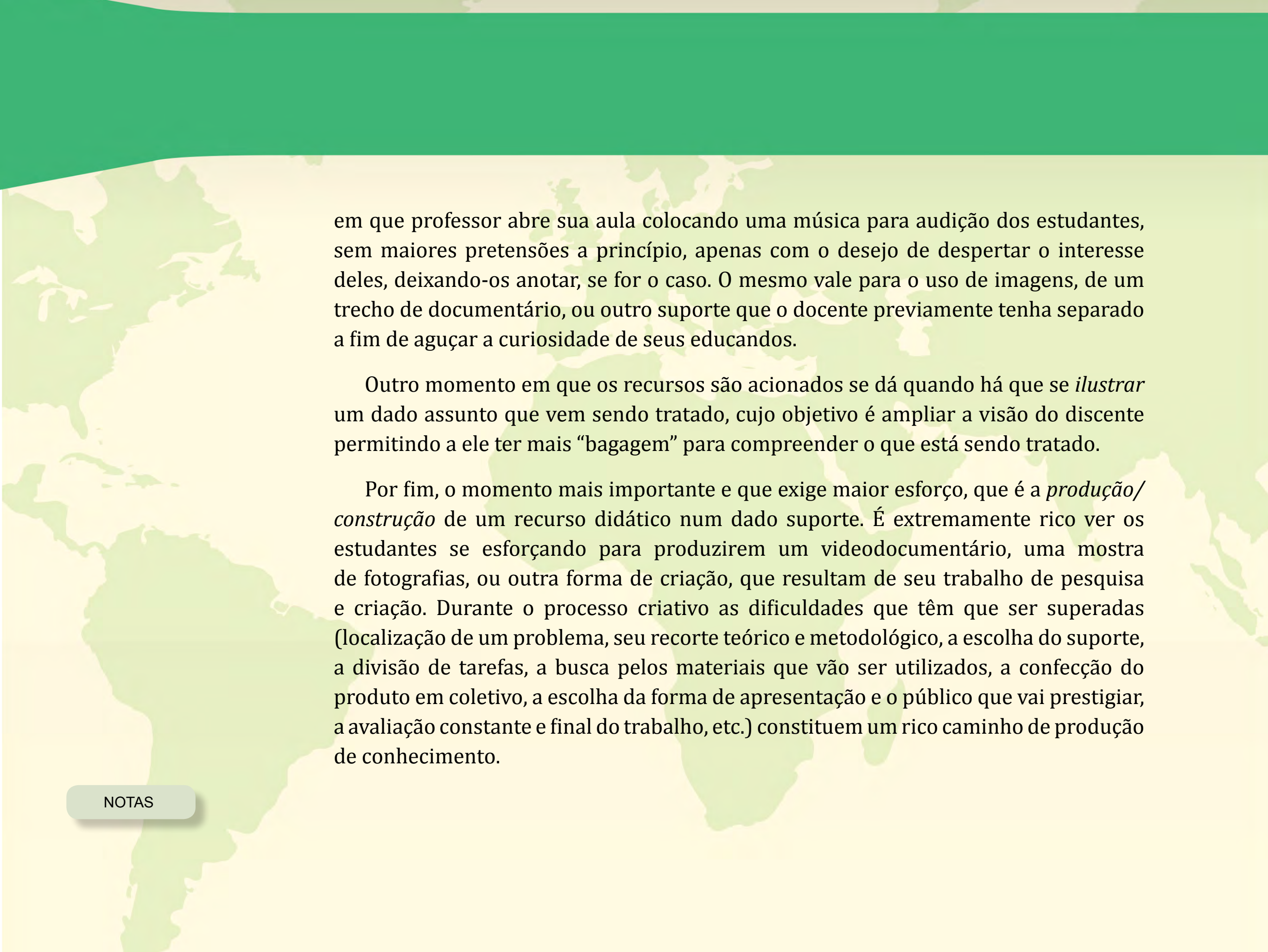
Essas novas possibilidades vêm sendo exploradas também na produção de materiais e recursos aplicados ao ensino. Nesse sentido, buscar-se-á aqui aprofundar e sistematizar experiências que estão sendo tocadas junto ao curso de Licenciatura em Geografia da Unicentro/Cedeteg, fundamentalmente no contexto da disciplina de Tecnologias da Representação do Espaço/ Metodologias de Ensino de Geografia, bem como nas produções realizadas pelos discentes para a realização dos Estágios de Docência, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio.

Momentos pedagógicos do uso dos recursos didáticos

Alguns desafios se apresentam a todos os professores que produzem e/ou fazem uso de recursos didáticos. Quando relacionados os recursos com a representação espacial, isso se torna ainda mais complexo. Na educação universitária os estudantes, desde as primeiras aulas, são acostumados a utilizarem o livro, o texto escrito, que resultam, ao final de dado tempo, em nova produção textual (prova, trabalhos, seminários, etc.). No entanto, na Educação Básica o objetivo nem sempre deve ser esse. Claro que em todos os níveis educacionais os mais diversos suportes podem ser utilizados para a prática do ensino-aprendizagem. Realizar a *transposição didática* é o principal desafio no uso de recursos didáticos, implicando questões como: quando usar, o que usar (quais suportes utilizar), produzir com ou para os estudantes, entre outras, que forçam o docente a exercitar sua criatividade.

De um ponto de vista formal, a escolha do momento demanda saber o que se quer realizar. A princípio, três “momentos pedagógicos” estão implicados quanto ao uso dos recursos didáticos: introduzir; ilustrar; e construir.

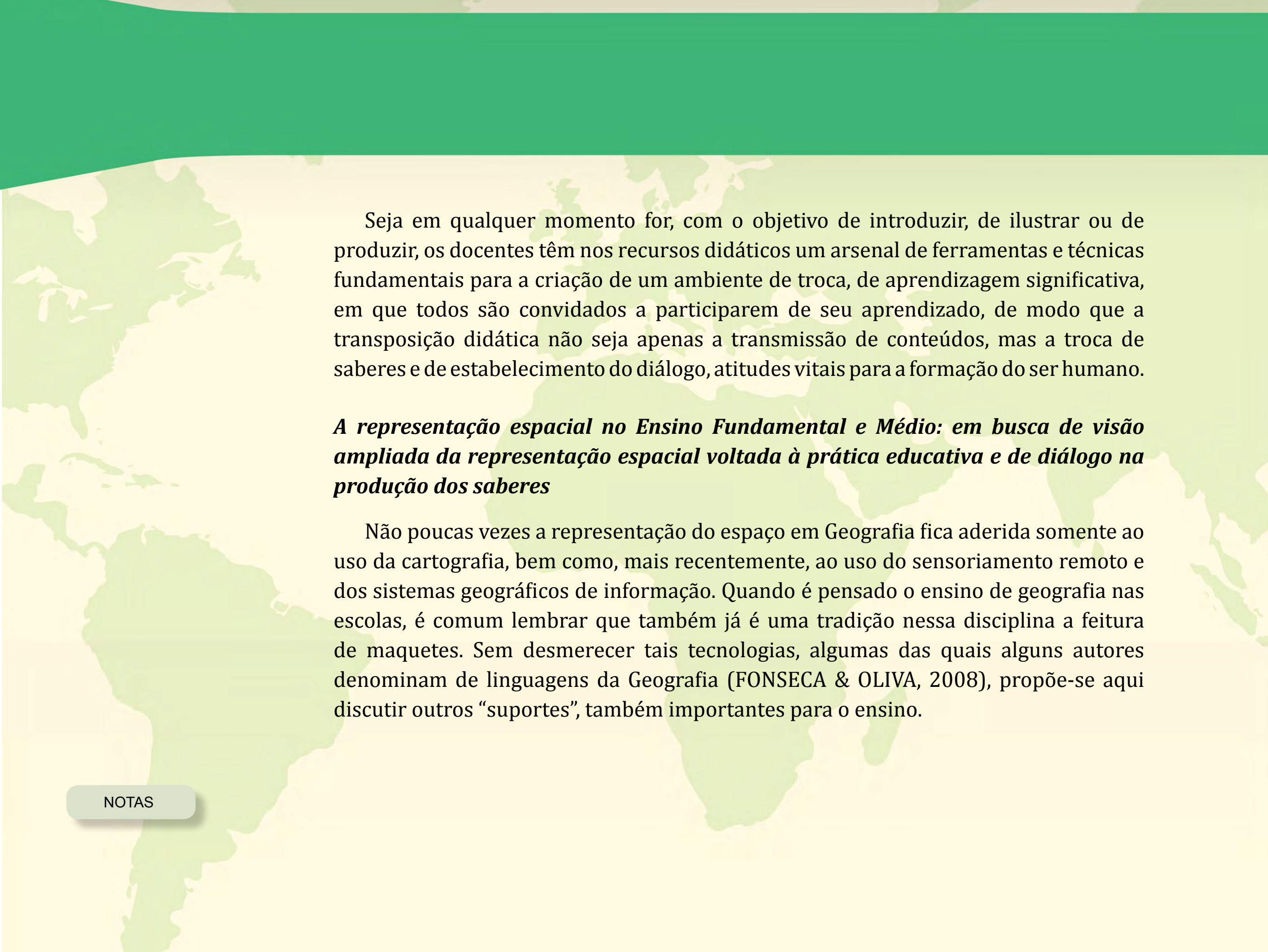
Não privilegiando qualquer suporte didático, um conteúdo ou uma temática de estudo pode ser *introduzido* em sala de aula logo que se iniciam os trabalhos, momento



em que professor abre sua aula colocando uma música para audição dos estudantes, sem maiores pretensões a princípio, apenas com o desejo de despertar o interesse deles, deixando-os anotar, se for o caso. O mesmo vale para o uso de imagens, de um trecho de documentário, ou outro suporte que o docente previamente tenha separado a fim de aguçar a curiosidade de seus educandos.

Outro momento em que os recursos são acionados se dá quando há que se *ilustrar* um dado assunto que vem sendo tratado, cujo objetivo é ampliar a visão do discente permitindo a ele ter mais “bagagem” para compreender o que está sendo tratado.

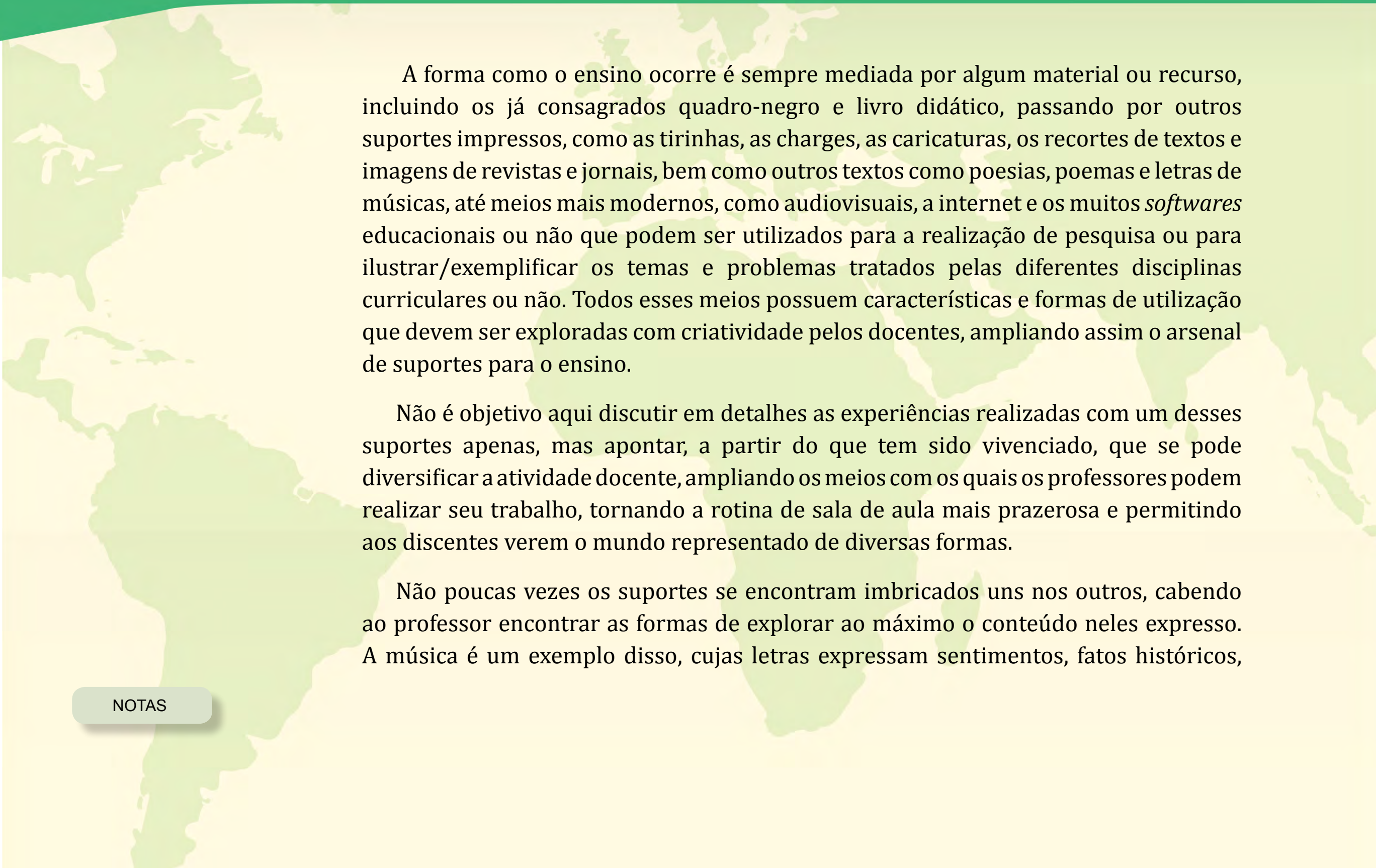
Por fim, o momento mais importante e que exige maior esforço, que é a *produção/construção* de um recurso didático num dado suporte. É extremamente rico ver os estudantes se esforçando para produzirem um videodocumentário, uma mostra de fotografias, ou outra forma de criação, que resultam de seu trabalho de pesquisa e criação. Durante o processo criativo as dificuldades que têm que ser superadas (localização de um problema, seu recorte teórico e metodológico, a escolha do suporte, a divisão de tarefas, a busca pelos materiais que vão ser utilizados, a confecção do produto em coletivo, a escolha da forma de apresentação e o público que vai prestigiar, a avaliação constante e final do trabalho, etc.) constituem um rico caminho de produção de conhecimento.



Seja em qualquer momento for, com o objetivo de introduzir, de ilustrar ou de produzir, os docentes têm nos recursos didáticos um arsenal de ferramentas e técnicas fundamentais para a criação de um ambiente de troca, de aprendizagem significativa, em que todos são convidados a participarem de seu aprendizado, de modo que a transposição didática não seja apenas a transmissão de conteúdos, mas a troca de saberes e de estabelecimento do diálogo, atitudes vitais para a formação do ser humano.

A representação espacial no Ensino Fundamental e Médio: em busca de visão ampliada da representação espacial voltada à prática educativa e de diálogo na produção dos saberes

Não poucas vezes a representação do espaço em Geografia fica aderida somente ao uso da cartografia, bem como, mais recentemente, ao uso do sensoriamento remoto e dos sistemas geográficos de informação. Quando é pensado o ensino de geografia nas escolas, é comum lembrar que também já é uma tradição nessa disciplina a feitura de maquetes. Sem desmerecer tais tecnologias, algumas das quais alguns autores denominam de linguagens da Geografia (FONSECA & OLIVA, 2008), propõe-se aqui discutir outros “suportes”, também importantes para o ensino.



A forma como o ensino ocorre é sempre mediada por algum material ou recurso, incluindo os já consagrados quadro-negro e livro didático, passando por outros suportes impressos, como as tirinhas, as charges, as caricaturas, os recortes de textos e imagens de revistas e jornais, bem como outros textos como poesias, poemas e letras de músicas, até meios mais modernos, como audiovisuais, a internet e os muitos *softwares* educacionais ou não que podem ser utilizados para a realização de pesquisa ou para ilustrar/exemplificar os temas e problemas tratados pelas diferentes disciplinas curriculares ou não. Todos esses meios possuem características e formas de utilização que devem ser exploradas com criatividade pelos docentes, ampliando assim o arsenal de suportes para o ensino.

Não é objetivo aqui discutir em detalhes as experiências realizadas com um desses suportes apenas, mas apontar, a partir do que tem sido vivenciado, que se pode diversificar a atividade docente, ampliando os meios com os quais os professores podem realizar seu trabalho, tornando a rotina de sala de aula mais prazerosa e permitindo aos discentes verem o mundo representado de diversas formas.

Não poucas vezes os suportes se encontram imbricados uns nos outros, cabendo ao professor encontrar as formas de explorar ao máximo o conteúdo neles expresso. A música é um exemplo disso, cujas letras expressam sentimentos, fatos históricos,

um posicionamento social, etc., que o autor/compositor/músico busca representar. Por exemplo, a música *Favela*, uma composição dos anos 1920 de Padeirinho com Jorginho, gravada, entre outros, por Jards Macalé é um exemplo bem rico de temáticas que podem ser tratadas em sala de aula. Sua letra é uma “aula” de Geografia:

*Numa vasta extensão
Onde não há plantação
Nem ninguém morando lá
Cada um pobre que passa por ali
Só pensa em construir seu lar
E quando o primeiro começa
Os outros, depressa, procuram marcar
Seu pedacinho de terra pra morar
E assim a região sofre modificação
Fica sendo chamada de nova aquarela
E aí que o lugar então passa a se chamar favela.*


(Composição Padeiro e Jorginho, 1920. Fonte: DINIZ, 2006, p.102)

Segundo Diniz (2006), no Brasil, o termo favela se tornou popular no início do século XX,

[...] após o retorno dos soldados que foram lutar no conflito de Canudos. Eles haviam convivido, no sertão nordestino, com um arbusto local, o faveleiro – mais popularmente favela. Quando voltaram, os soldados receberam recursos para instalarem-se em casa própria no Rio de Janeiro. Foram nas abas do morro da Providência que eles fizeram suas moradias – logo, por analogia, chamaram-no de “favela carioca”. O nome foi designando outros conglomerados humanos semelhantes, e a favela passou a ser residência de pessoas humildes nos morros cariocas. Por sinal, foi local de construção mitológica do samba, puro, de raiz, a partir dos anos 20 do século passado. Padeirinho (junto com Jorginho) homenageou-a com propriedade com seu samba sincopado “Favela”. (DINIZ, 2006, p.102).

Não é difícil para o geógrafo encontrar nessa letra elementos para discussão: a especulação imobiliária, a horizontalização das cidades e o acesso a serviços públicos, as diferentes formas das favelas nas cidades, entre tantos outros temas que podem ser explorados a partir dela, tanto de caráter histórico quanto propriamente geográfico.

Claro que a música por si só, como qualquer outro suporte que possa ser acionado para o ensino, não é suficiente em si, ou seja, necessita ser trabalhado e traduzido pelo professor, permitindo a criação de sua interpretação e aproximação ao contexto ou problema tratado em sala de aula pelo professor com seus discentes.



Uma preocupação parece ser fundamental na metodologia de ensino e no processo de aprendizagem que deve ser objeto de problematização quando discutimos a formação dos professores, de modo geral, mas principalmente dos futuros docentes de geografia: o que queremos que nossos discentes aprendam? Muitas respostas podem ser elaboradas, mas uma questão central parece ser importante, que se refere ao desejo de que eles não aprendam apenas conteúdos, mas também entendam seu papel social, que se percebam como cidadãos atuantes, como seres pensantes que devem ser instigados a serem criativos, a fim de conhecerem mais e melhor do mundo e de si.

Assim, uma primeira crítica deve ser dirigida ao *conhecimento vazio*, distante do mundo real vivido pelo discente. Essa crítica se refere à concepção de educação como mera memorização (decoreba) de dados e informações “frias”, desconectadas do mundo real. Há muito tempo já se questiona na Geografia, bem como nas demais ciências sociais, a importância para a formação do sujeito, de que ele deve ter um papel ativo diante dos objetos que se propõe conhecer e estudar. Claro, a teoria não deve ser deixada de lado, mas a escolha das representações da realidade (seus aspectos) deve servir como meio no processo no qual o discente tem também papel fundamental para a construção da aprendizagem.

Segundo Cavalcanti (1998), fazemos uso das representações para movermo-nos na sociedade. A representação social, para essa autora, corresponde ao modo como o discente vê a si mesmo e ao mundo:

O referencial teórico das representações sociais surgiu na pesquisa como um recurso para a compreensão de concepções, ideias, conceitos e imagens sobre Geografia, que crianças e adolescentes vão formando na sua vida cotidiana, na qual se insere sua vida escolar. O propósito é o de verificar em que medida a compreensão dessas representações pode indicar caminhos para a prática do ensino de Geografia. (CAVALCANTI, 1998, p. 29).

Apoiada em Moscovici (1994), Cavalcanti (1998) comenta que as representações sociais estão na interface entre o concebido (plano do conceito/preconcepções) e o vivido (imagens e valores). No entanto, ressalta a autora: “[...] outro traço importante da representação social é o fato de que ela não pode ser entendida apenas como reprodução social; ela é também criação do sujeito, que age e reage ante representações já produzidas.” (CAVALCANTI, 1998, p.31).

Isso implica o problema da construção dos conceitos: não propor um conceito pronto/acabado: a experiência mostra a ineficácia de se ensinar à criança ou ao jovem apenas transmitindo o conceito definido no livro ou elaborado pelo docente. Este deve propiciar condições para que o discente possa formar, ele mesmo, um conceito.

[...] o saber “elaborado” deve ser objeto de conhecimento, e só pode sê-lo numa relação de interação com o sujeito do conhecimento, ou seja, se for questionado, confrontando com outros entendimentos, inclusive com o entendimento do próprio sujeito. (CAVALCANTI, 1998, p.138).

Em certo sentido, os conteúdos prontos silenciam a palavra do outro, afastando-o de suas próprias ideias e pensamentos, atrapalhando a constituição de uma concepção a respeito de si mesmo. A importância das interlocuções, do diálogo, capaz de revelar o conhecimento dos alunos, desencadeados a partir da memória de suas experiências vividas, bem como da sua imaginação. O saber silenciar do professor, que permite ao outro o desabrochar das ideias, mesmo que não sejam rigorosamente/cientificamente verdadeiras, são a matéria-prima para a construção de conhecimento. Daí que a produção, junto com os discentes, de materiais educativos aparece como um importante caminho na relação ensino-aprendizagem.

O audiovisual: um instrumento poderoso de produção e difusão de informações

Mais especificamente, quando pensamos as tecnologias de representação espacial, o uso da *imagem em movimento* associada a sons, produzidas a partir de temas/problemas escolhidos pelos sujeitos envolvidos na produção dos audiovisuais, permite ampliar as formas de representação de aspectos do real, alçados do próprio rol de experiências e inquietações daqueles que os produzem.

A utilização, por exemplo, de produtos cinematográficos em sala de aula não é novidade quando tratamos sobre o ensino, no entanto há que se encorajar o diálogo entre a geografia e arte do cinema, assim argumenta Barbosa (2008):

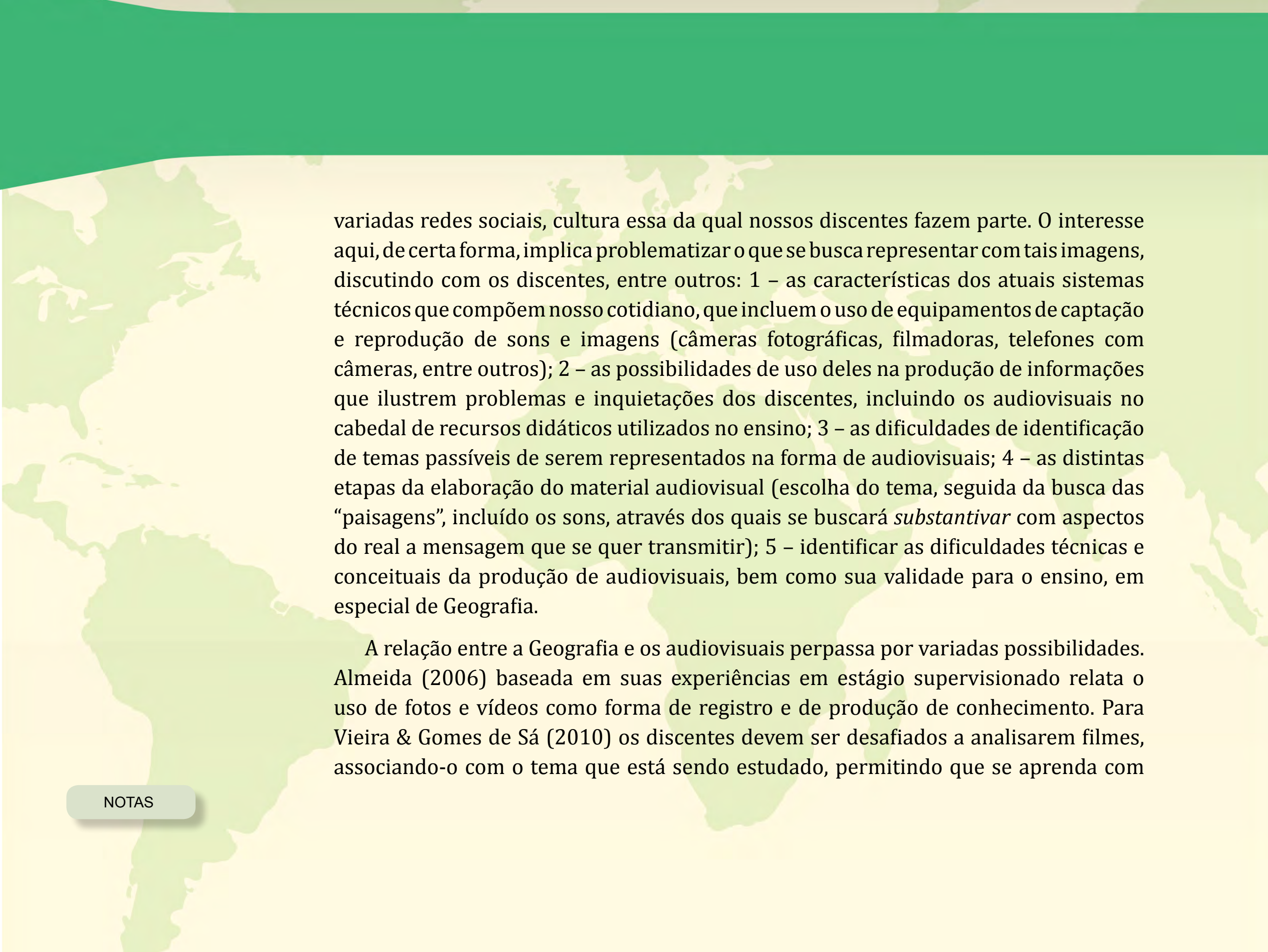
Apesar dos esforços consideráveis nos últimos dez anos, tem sido bastante tímido o diálogo entre a geografia e o cinema. Curiosamente, neste mesmo período, os professores de geografia passaram a utilizar cada vez mais filmes documentários e os de ficção nas suas aulas. Suprem, portanto, no âmbito da ciência geográfica, os esforços mais amplos de reflexão a respeito das possibilidades de fecundação mútua entre a nossa disciplina e a arte cinematográfica. (BARBOSA, 2008, p. 110)

Conclui esse autor:

Considerando as aproximações possíveis e até mesmo os limites imprecisos entre a geografia e a arte cinematográfica, é inegável que estamos diante de um campo rico e estimulante para o trabalho de pesquisa e ensino. (BARBOSA, 2008, p. 111)

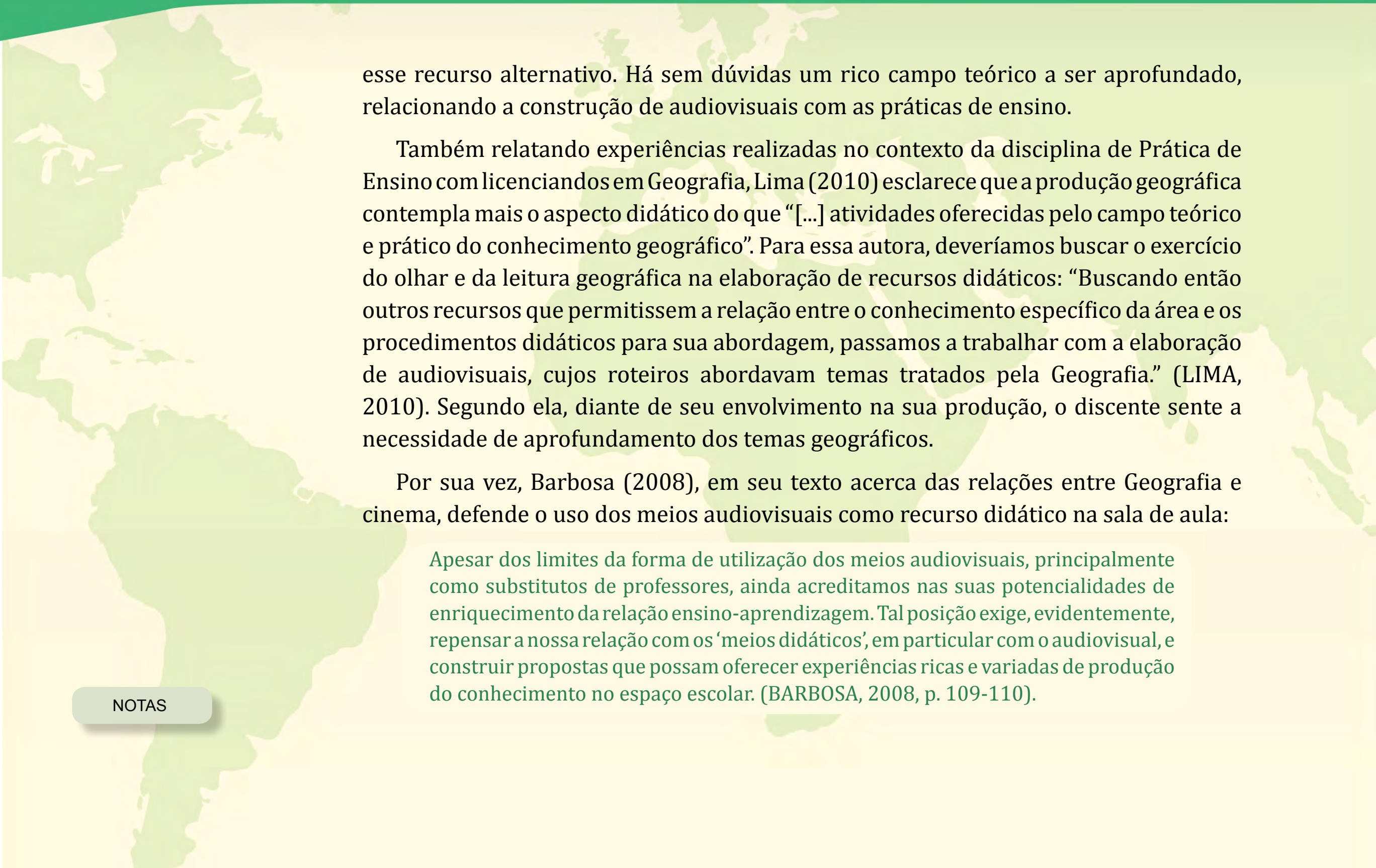
Nossa proposta aqui aprofunda a problemática do uso das imagens em sala de aula, procurando refletir acerca das possibilidades de uso dos audiovisuais a partir de produções discutidas e realizadas pelos próprios discentes.

Atualmente existe um conjunto de objetos que permitem captar e armazenar sons e imagens, indo das câmeras digitais compactas aos telefones celulares com câmeras integradas. Já há hoje uma cultura da produção e uso das *imagens em movimento* nas



variadas redes sociais, cultura essa da qual nossos discentes fazem parte. O interesse aqui, de certa forma, implica problematizar o que se busca representar com tais imagens, discutindo com os discentes, entre outros: 1 – as características dos atuais sistemas técnicos que compõem nosso cotidiano, que incluem o uso de equipamentos de captação e reprodução de sons e imagens (câmeras fotográficas, filmadoras, telefones com câmeras, entre outros); 2 – as possibilidades de uso deles na produção de informações que ilustrem problemas e inquietações dos discentes, incluindo os audiovisuais no cabedal de recursos didáticos utilizados no ensino; 3 – as dificuldades de identificação de temas passíveis de serem representados na forma de audiovisuais; 4 – as distintas etapas da elaboração do material audiovisual (escolha do tema, seguida da busca das “paisagens”, incluído os sons, através dos quais se buscará *substantivar* com aspectos do real a mensagem que se quer transmitir); 5 – identificar as dificuldades técnicas e conceituais da produção de audiovisuais, bem como sua validade para o ensino, em especial de Geografia.

A relação entre a Geografia e os audiovisuais perpassa por variadas possibilidades. Almeida (2006) baseada em suas experiências em estágio supervisionado relata o uso de fotos e vídeos como forma de registro e de produção de conhecimento. Para Vieira & Gomes de Sá (2010) os discentes devem ser desafiados a analisarem filmes, associando-o com o tema que está sendo estudado, permitindo que se aprenda com

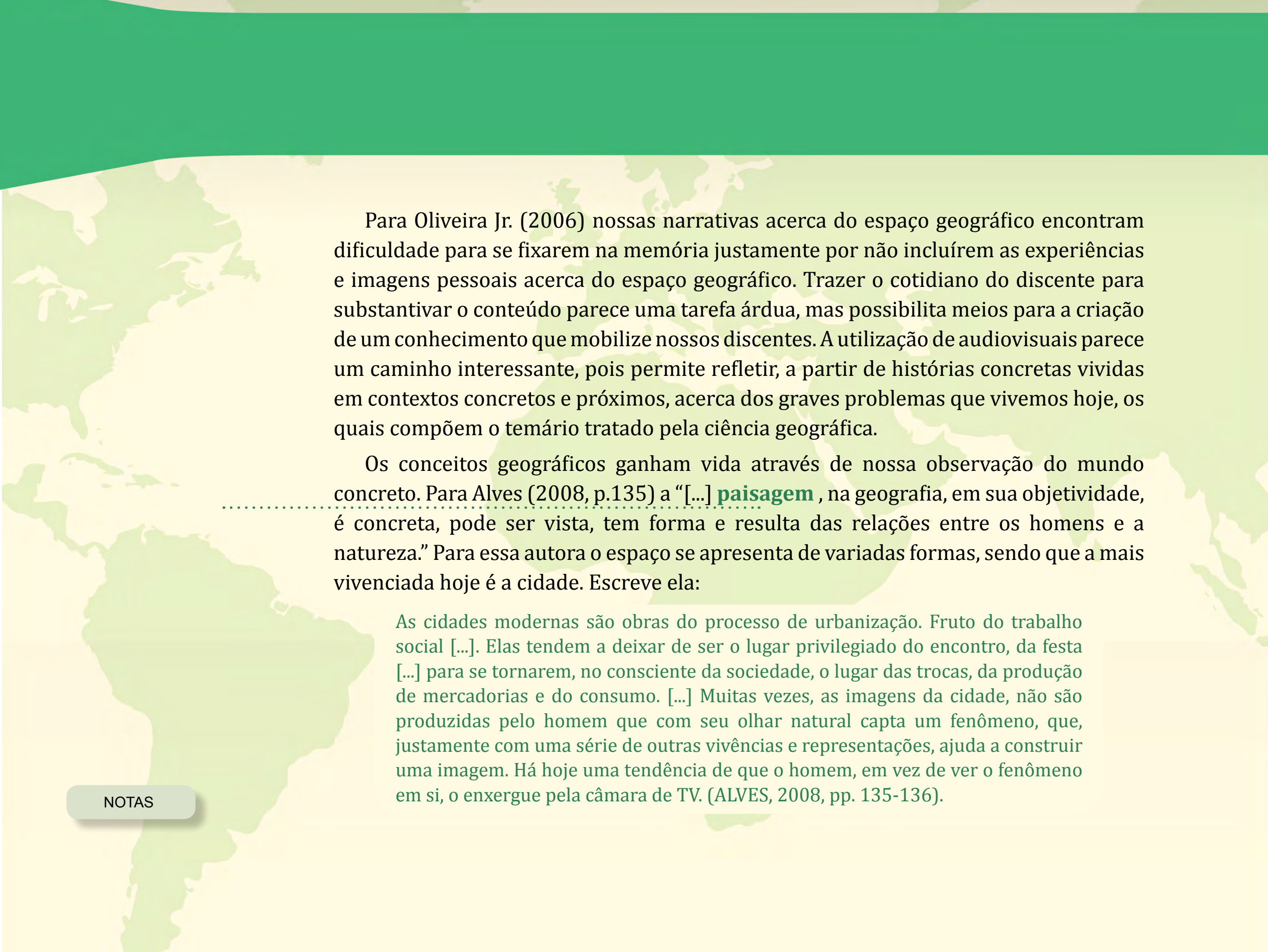


esse recurso alternativo. Há sem dúvidas um rico campo teórico a ser aprofundado, relacionando a construção de audiovisuais com as práticas de ensino.

Também relatando experiências realizadas no contexto da disciplina de Prática de Ensino com licenciandos em Geografia, Lima (2010) esclarece que a produção geográfica contempla mais o aspecto didático do que “[...] atividades oferecidas pelo campo teórico e prático do conhecimento geográfico”. Para essa autora, deveríamos buscar o exercício do olhar e da leitura geográfica na elaboração de recursos didáticos: “Buscando então outros recursos que permitissem a relação entre o conhecimento específico da área e os procedimentos didáticos para sua abordagem, passamos a trabalhar com a elaboração de audiovisuais, cujos roteiros abordavam temas tratados pela Geografia.” (LIMA, 2010). Segundo ela, diante de seu envolvimento na sua produção, o discente sente a necessidade de aprofundamento dos temas geográficos.

Por sua vez, Barbosa (2008), em seu texto acerca das relações entre Geografia e cinema, defende o uso dos meios audiovisuais como recurso didático na sala de aula:


Apesar dos limites da forma de utilização dos meios audiovisuais, principalmente como substitutos de professores, ainda acreditamos nas suas potencialidades de enriquecimento da relação ensino-aprendizagem. Tal posição exige, evidentemente, repensar a nossa relação com os ‘meios didáticos’, em particular com o audiovisual, e construir propostas que possam oferecer experiências ricas e variadas de produção do conhecimento no espaço escolar. (BARBOSA, 2008, p. 109-110).



Para Oliveira Jr. (2006) nossas narrativas acerca do espaço geográfico encontram dificuldade para se fixarem na memória justamente por não incluírem as experiências e imagens pessoais acerca do espaço geográfico. Trazer o cotidiano do discente para substantivar o conteúdo parece uma tarefa árdua, mas possibilita meios para a criação de um conhecimento que mobilize nossos discentes. A utilização de audiovisuais parece um caminho interessante, pois permite refletir, a partir de histórias concretas vividas em contextos concretos e próximos, acerca dos graves problemas que vivemos hoje, os quais compõem o temário tratado pela ciência geográfica.

Os conceitos geográficos ganham vida através de nossa observação do mundo concreto. Para Alves (2008, p.135) a “[...] **paisagem**, na geografia, em sua objetividade, é concreta, pode ser vista, tem forma e resulta das relações entre os homens e a natureza.” Para essa autora o espaço se apresenta de variadas formas, sendo que a mais vivenciada hoje é a cidade. Escreve ela:


As cidades modernas são obras do processo de urbanização. Fruto do trabalho social [...]. Elas tendem a deixar de ser o lugar privilegiado do encontro, da festa [...] para se tornarem, no consciente da sociedade, o lugar das trocas, da produção de mercadorias e do consumo. [...] Muitas vezes, as imagens da cidade, não são produzidas pelo homem que com seu olhar natural capta um fenômeno, que, justamente com uma série de outras vivências e representações, ajuda a construir uma imagem. Há hoje uma tendência de que o homem, em vez de ver o fenômeno em si, o enxergue pela câmara de TV. (ALVES, 2008, pp. 135-136).



A utilização de audiovisuais não substitui a interpretação do sujeito a respeito do mundo, é sempre necessário um olhar curioso, que questiona aquilo que vê. Nesse sentido, parece oportuno discutir como os conceitos geográficos podem ser apresentados e discutidos a partir de audiovisuais.

Hoje é inegável o papel que as grandes mídias (televisão e o rádio, principalmente) possuem na criação de interpretações ideológicas (falsas) dos mais variados temas, mas que movem o cotidiano das pessoas, sendo exemplo disso o consumo exacerbado que afeta as diversas faixas etárias. Acerca do uso televisão na escola, Albuquerque (2006) enfatiza que o conteúdo assistido pelas famílias deve ser trazido para dentro da escola,


[...] para que não nos distanciemos do ambiente em que está inserido o aluno. Por isso, pensamos na televisão comercial que ele assiste todos os dias. É essa que pode ser discutida em sala de aula. Quando a escola assume esse papel, está aprofundando as críticas já realizadas pelas famílias e por outros grupos com quem os alunos convivem. Dessa maneira, não deixamos de reconhecer o papel da televisão no sistema capitalista, mas estaremos descobrindo o modo como nossos alunos lidam com as informações fornecidas por esse meio, para, a partir do que eles conhecem, incentivá-los a descobrir mais. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 347)



Para Albuquerque (2006) o discente, ao chegar à escola, acaba tendo que desprezar o que sabe em nome de uma cultura letrada, o que, para a autora, contribui para a homogeneização cultural da população. Reintera essa autora que deixar de lado as informações que os discentes trazem consigo para dentro da escola (que são adquiridas também através dos veículos de comunicação de massa), termina por desprezar conhecimentos que são deles, que fazem parte deles, inclusive dificultando que eles se tornem capazes de criticar as informações adquiridas através da televisão.

Evidentemente, o que se propõe aqui vai além da utilização do audiovisual como fonte ilustrativa dos conteúdos das aulas. A ideia é que se estimule os discentes, tanto em sua formação para futuros professores, bem como posteriormente, quando já formados, tais discentes procurem, em diálogo com seus alunos produzir com eles materiais que traduzam sua situação geográfica e os contextos nos quais se inserem. A capacitação de nossos discentes para a pesquisa, produção, uso e interpretação de universo de temas e conceitos da geografia representados através de audiovisuais aparece como mais uma ferramenta para a dinamização do estudo e das aulas de Geografia.

Para o que interessa apontar aqui, que é a importância da produção e utilização de audiovisuais como recursos didáticos, em especial videodocumentários, a ideia é lidar com problemas e situações concretas surgidas de temas/problemas propostos



pelos próprios discentes e nos quais eles estão imersos. Seria muito interessante se os temas tratados em sala de aula deixassem de ser apenas um “conteúdo” planejado e expresso em planos de aula e passassem a ser problematizados à luz de experiências próprias, colocando os sujeitos do processo ensino-aprendizagem para pensar a partir de seu lugar concreto de existência. Nesse sentido, o incentivo à produção e uso de audiovisuais abre possibilidades para que os discentes busquem trazer para a aula aspectos de seu mundo vivido ou de problemas que de certo modo lhes incomodam, o que pode ainda auxiliar a tornar as aulas mais significativas, na medida em que a informação produzida busca representar aspectos do mundo real por eles vividos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o uso dos recursos didáticos voltados ao ensino de Geografia foi o objetivo do presente texto. Buscou-se aqui apontar a importância dos estudantes de licenciatura do ensino acadêmico conhecerem e dominarem o uso das variadas formas de representação espacial, possíveis pelo uso dos muitos suportes educacionais presentes no atual período histórico. Utilizar metodologicamente para a pesquisa o conhecimento prévio dos sujeitos parece fundamental, ao mesmo tempo em que a representação espacial a partir de audiovisuais permite a produção de informações que podem auxiliar na construção de uma aprendizagem mais significativa.

Ainda na formação acadêmica, os licenciandos precisam ter acesso a momentos em que são convidados a agir com criatividade, para o uso e/ou criação de recursos didáticos. As tecnologias de representação do espaço são importantes ferramentas para o ensino, sendo fundamental estimular a prática de seu uso pelos futuros professores. A ideia é exercitar e substantivar a reflexão sobre o ensino geográfico, tendo como suporte as ferramentas da representação espacial.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Escola e televisão. *In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Geografia em perspectiva.* São Paulo: Editora Contexto, 2006, pp. 343-351.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. Imagens de uma escola: a produção de vídeo no estágio de prática de ensino. *In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Geografia em perspectiva.* São Paulo: Editora Contexto, 2006, pp. 267-273.

ALVES, Glória da Anunciação. Cidade, cotidiano e TV. *In: CARLOS, Ana Fani. A geografia na sala de aula.* São Paulo: Editora Contexto, 2008, pp. 134-144.

BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. *In: CARLOS, Ana Fani. A geografia na sala de aula.* São Paulo: Editora Contexto, 2008, pp. 109-133.

BRAUDEL, Fernand. *Reflexões sobre a história.* Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos.* Campinas, SP: Papyrus Editora, 1998.

DINIZ, André. *Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Fernanda Padovesi; OLIVA, Jaime Tadeu. A geografia e suas linguagens: o caso da cartografia. *In: CARLOS, Ana Fani. A geografia na sala de aula.* São Paulo: Editora Contexto, 2008, pp. 62-78.

KLEIN, Ota; RICHTA, Radovan. *As opções da nova sociedade.* São Paulo: Editora Documentos, 1969.

LIMA, Maria das Graças de. Ensino de Geografia e produção de videodocumentário. *In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (orgs). Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.* São Paulo: Editora Contexto, 2010, pp. 132-142.

Oliveira Jr. (2006) OLIVEIRA Jr. Wenceslao Machado de. Perguntas à televisão e às aulas de Geografia: crítica e credibilidade nas narrativas da realidade atual. *In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Geografia em perspectiva.* São Paulo: Editora Contexto, 2006, pp. 353-365.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço.* São Paulo: Hucitec. 1996.

VIEIRA, Carlos Eduardo; GOMES de SÁ, Medson. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? *In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (orgs). Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.* São Paulo: Editora Contexto, 2010, pp. 101-116.